

FILOSOFIA POP: ANÁLISE DA LETRA DA MÚSICA “AGITO E USO”, DE ÂNGELA RO RO SOBRE A PERSPECTIVA FEMINISTA

Alciclei da Graça Cruz¹
Sâmara Sandres da Silva²

RESUMO

Historicamente, são marginalizados e silenciados temas ligados à imagem da mulher na sociedade e situações triviais como: desmoralização, constrangimento, assédio, violência, agressão verbal, física e simbólica. Acerca disto, citamos aspecto de inconformismo com situações de configurações sórdidas, grupos que buscam e compartilham chaves na qual abrem as “janelas” do intelecto, fechado a novos horizontes. Um grande exemplo entre tantos é o uso de mídias libertadoras como fonte de apelo social, dentre elas, a música torna-se aqui uma grande arma, propulsionando ideais de liberdade trazidas de forma explícita ou implícita. Debruçarmo-nos sobre a análise da música “Agito e uso”, de Ângela Ro Ro, em intertexto contemporâneo cultural e seu processo histórico, todavia, não seguimos neste artigo, cegamente, todas as correntes ideológicas feministas, explicitamos as delimitações unitárias do movimento como: igualdade, liberdade, e quebras de normas patriarcais machistas e sexista (preconceito ou discriminação baseado no sexo ou gênero de uma pessoa). O estudo mostra a intertextualidade e diálogos existentes entre a música e distintos pensadores e pesquisadores, utilizamos linguagens diferentes, com mesmo teor, o despojamento do olhar e experiências do jovem sobre a temática feminista para adentrar em seu universo como sugere a filosofia pop. Como suporte teórico utilizou-se: ADICHIE (2005); PERROT, (2012); WOOLF, (2004); VALCÁRCEL, (1991). Sobre essa base da perspectiva feminista na análise da música “Agito e Uso”, apresentamos conceitos e questionamentos feministas, visando a desconstrução de paradigmas impregnados nas comunidades e o firmamento ideológico da igualdade entre gêneros.

Palavras-chave: Feminismo, Filosofia Pop, Análise da letra da música Agito e uso, de Ângela Ro Ro.

INTRODUÇÃO

Com base na definição de um movimento social, ideológico, político e cultural que se delineia no empoderamento da mulher sob a perspectiva feminista, utilizamos o método da dialética filosófica pop, que sugere proporcionar questionamentos da cultura de massa e o cotidiano em uma linguagem acessível a todos, tornando possível a capacidade de facultar em torno de um tema polêmico que se faz presente no dia-a-dia dos cidadãos.

Levando em consideração o processo histórico da consolidação do feminismo, notamos sua linha evolutiva e suas conquistas cronológicas. Ao decorrer desse processo, observamos que houve uma divisão em três grandes etapas o “Iluminista: Reconhecimento da igualdade da inteligência, reivindicação da educação; o Liberal: Acesso a todos os níveis de

¹ Graduando do curso de Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, ac.alciclei@gmail.com

² Graduanda do curso de Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, samarasandre743@gmail.com

educação, às profissões e ao voto; o Contemporâneo: Direitos civis, direitos reprodutivos, paridade política, papel das mulheres na globalização” (VALCÁRCEL, 1991, p. 4).

Este é o século em que as mulheres têm mais liberdade e direitos, considerando uma visão histórica ocidental de suas condições. Entretanto, ainda estamos em processo de amadurecimento ideológico e desconstrução de normas padronizadas, machista e opressoras, as quais ainda existem dentro de nossa “sociedade sexista dissimulada”.

O objetivo da pesquisa aqui apresentada foi evidenciar por meio da filosofia pop as vertentes discursivas no âmbito escolar, promovendo o desenvolvimento crítico dos sujeitos inseridos na sociedade. Na primeira parte, apresentamos aspectos metodológicos da pesquisa. Em seguida, traçamos um breve panorama acerca da teoria feminista, juntamente com análise da letra da música “Agito e uso”, de Ângela Ro Ro. Posteriormente, discutiremos brevemente os dados mais relevantes apontados na presente pesquisa à luz da filosofia pop. Por fim, apresentamos as considerações, destacando diferentes implicações que surgiram a partir desta pesquisa.

METODOLOGIA

Para o presente artigo utilizou-se pesquisas referenciais bibliográficas de cunho qualitativo. Utilizamos meios de mídias interativas da internet para pesquisas, bem como, a ferramenta do Google, leitura de livros e revistas com temáticas relacionadas ao assunto em pauta. Para diálogo entre membros integrantes do grupo, fez-se o aplicativo *Whatsapp* e também do método tradicional do diálogo e discussões/debates.

Foi aplicado em sala de aula por meio de aulas expositivas, explicativas e dialogada com o auxílio de materiais de apoio, como: *Datashow*, quadro branco, músicas e dinâmicas, as perspectivas feministas com base na análise da letra da música de Ângela Ro Ro, em intertexto com ideais de outros pensadores que pesquisam e refletem as causas sociais com base no feminismo, levamos aos discentes da 1ª Série do Ensino Médio de uma das Escolas Estaduais, no Município de Humaitá-AM, conceitos e questionamentos feministas, visando a desconstrução de conceitos impregnados nas comunidades e o firmamento ideológico da igualdade entre gêneros.

Ao final da exposição do conteúdo, aplicamos um questionário com perguntas referentes ao conceito de feminismo, sua principal corrente ideológica e seus objetivos, distinção entre sexo e gênero, e quais as conquistas alcançadas durante esse processo social.

Com base nas respostas do questionário observaremos a o cunho qualitativo de disseminação de temáticas polêmicas da filosofia pop e sua eficácia.

FEMINISMO: ALGUMAS REPERCUSSÕES

A palavra feminismo (feminino = relativo ao sexo ou gênero feminino, ismo = sufixo nominal de origem grega, que exprime a ideia de fenômeno linguístico, sistema político ou filosófico, teoria, tendência, corrente, etc.), foi disseminada em 1910 pela imprensa, anteposto a esse fato notamos movimentos de mulheres que já almejavam a emancipação da igualdade social.

Levando em consideração o processo histórico da consolidação do feminismo, notamos sua linha evolutiva e suas conquistas cronológicas. Ao decorrer desse processo, observamos que houve uma divisão em três grandes etapas o “Iluminista: Reconhecimento da igualdade da inteligência, reivindicação da educação; o Liberal: Acesso a todos os níveis de educação, às profissões e ao voto; o Contemporâneo: Direitos civis, direitos reprodutivos, paridade política, papel das mulheres na globalização” (VALCÁRCEL, 1991, p. 4).

Nota-se também dentro do quadro ideológico deste processo epistemológico, diretrizes de cunho segregalistas, no qual, inicialmente a luta das mulheres era restrita à elite branca, pois eram burguesas que ocupavam o topo da pirâmide que almejavam uma liberdade sinuosa, excluindo do papel humano mulheres pobres e de outras etnias. Após a emancipação classista, se engajaram à causa feminina uma pluralidade miscigenada. Mas além da busca pelo empoderamento, mulheres negras, indígenas e pardas buscavam além da abolição diante dos homens, a autonomia diante de mulheres brancas e de classe alta, lutando contra o preconceito e machismo.

Podemos dividir a história com base na revolução sexual da década de 60, deste período em diante, as mulheres conquistaram um amplo espaço no campo do trabalho, da política, da economia e do controle do seu próprio corpo.

Nas décadas 70 e 80 que surgiram o forte enraizamento do pensamento libertador de paradigmas feministas, visando o empoderamento da mulher na sociedade livre. No entanto, é lamentável observar discursos extremamente machistas ainda nos dias de hoje, e ainda mais triste ouvir esse discurso advindo de mulheres que rebaixam o gênero feminina.

O desenvolvimento da história das mulheres acompanha em surdino o “movimento” das mulheres em direção à emancipação e à liberação. Trata-se da tradução e do

efeito de uma tomada de consciência ainda mais vasta: a da dimensão sexuada da sociedade e da história. (PERROT, 2007, p. 15).

Este é o século (XXI) em que as mulheres têm mais liberdade e direitos, considerando uma visão histórica ocidental de suas condições. Entretanto, ainda estamos em processo de amadurecimento ideológico e desconstrução de normas padronizadas, machista e opressoras, as quais ainda existem dentro de nossa “sociedade sexista dissimulada”.

Estamos vivenciando uma guerra encoberta de sexo e de gêneros, na esfera do sexíssimo que se constitui no pilar do senso comum, disseminado pela cultura de massa, as formas de violência estão encarnadas na conformação.

Há uma pequena confusão quando tratamos de sexo e gênero e seus respectivos interesses. Segundo Zinani (2010) ao referir-se à Simone de Beauvoir (1970), gênero é uma construção sócio- histórica, que é definida em relação aos contextos social e cultural, corroborada pela frase emblemática “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1970, p. 9), ou seja, a identidade de gênero se dá a partir da relação com o outro e com o meio. Já o sexo está relacionado ao fator biológico referente aos órgãos genitais reprodutores que separa o macho da fêmea, porém, as situações não se restringem unicamente a dados biológicos. Devemos observar os fatos históricos e sociais da mulher.

Quando realizamos pesquisas na área feminista, observamos um emaranhado de fragmentos históricos sob a sombra do ser masculino. As mulheres sempre foram vistas como objetos (submissa) e anuladas da condição de sujeito ativo. “Feminismo: Movimento favorável à equiparação dos direitos civis e políticos da mulher aos homens” (FERREIRA, 2010, p. 345). Visa a autonomia, a emancipação, a alforria feminina. Luta contra a condição de objetificação do sexo feminino.

Se olharmos para os fatores epistemológico de nossa sociedade, notaremos que as mulheres sempre estiveram marginalizadas. Dentro da visão do processo histórico elas se encontram fora dos relatos ou sombreadas, dos quais já ouvimos falar de grandes homens nas áreas das ciências exatas e humanas, porém, é mais difícil encontrar arquivos referentes as mulheres como protagonistas na história. Essa busca torna-se invisível, principalmente em livros didáticos escolares, na qual as metodologias das aulas expositivas não tratam questões de correntes libertadoras, pois ainda presenciamos o conservadorismo de discursos dentro de ambientes acadêmicos. Não estamos afirmando a ausência da mulher na construção da sociedade, mas explicitando a denominação social de sua imagem como ser passivo de seu sexo, confinadas no silêncio. Há uma necessidade de expor e debater sobre as escolas feministas, devemos corrigir o grande equívoco social com relação aos gêneros.

Questões de conflitos intelectuais e sociais devem ser expostos, debatidos, levado aos jovens e as escolas, para que possam participar dessa transformação, que estão ligados a eles de forma direta e indireta, pois são sujeitos integrantes de uma comunidade. Refletir e questionar é fazer filosofia.

Mas qual o lado bom de uma filosofia pop, uma filosofia para todos, que envolva todos, que seja acessível aos não especializados sem tornar-se facilitação rasa e auto-ajuda? A resposta está em uma filosofia que possa operar dialeticamente, nos limites, onde se a considera impossível, no coletivo, nas margens. Não uma mistificação do pensamento para o público, mas uma provocação por meio de um questionamento dos ícones como fora a Pop Art nos anos 60. A arte, aliás, sempre está à frente da filosofia como algo que pode nos mostrar a verdade (esta é simplesmente o “mais” que nem sempre podemos ver), por isso é mal compreendida. E a filosofia se torna útil num mundo onde “compreender” qualquer coisa - a arte, a vida - se tornou muito difícil. Ora, pensar? Todos pensam, mas isso não significa que pensamos do modo mais radical. Fazer filosofia é “pensar mais”. A Filosofia Pop, essa espécie de movimento que cresce no mundo e no Brasil, não deve, portanto, ser confundida com a mera popularização da filosofia[...] (TIBURI, 2005, S/A).

Com base no método da dialética filosófica pop, que sugere proporcionar questionamentos da cultura de massa e o cotidiano em uma linguagem acessível a todos, tornando possível a capacidade de facultar em torno de um tema polêmico que se faz presente no dia-a-dia dos cidadãos. A boa filosofia pop é uma filosofia de combate, de ruptura (TIBURI, 2005). Nosso intuito é a quebra de paradigma, a desconstrução de normativas contraria a liberdade e igualdade de gênero. Facilitar aos jovens o acesso a práticas filosóficas é construir pilares de seres aptos a evolução social com base no respeito.

REFLEXÕES E REPERCUSSÕES A PARTIR DA MÚSICA “AGITO E USO”, DE ÂNGELA RO RO

Este artigo procurou deliberar com jovens entre 14 e 17 anos no ambiente escolar temas da filosofia clássica como: a moral, a ética, a estética, a verdade, a liberdade e a igualdade dentro do ponto contemporâneo do feminismo, desmistificando sua linguagem antes obsoleta, e transfigurando para uma linguagem popular compreensível e acessível a comunidade, desta forma, tornando-se passível de questionamentos e indagações culturais, pois essas temáticas estão fortemente enraizadas e presenciadas pela pluralidade, introduzindo bases referenciais em uma linguagem juvenil.

Para chamar a atenção da comunidade utilizamos a letra da música “Agito e Uso”, de Ângela Ro Ro (1979), que se baseia nas expectativas feministas, revelando aos seus ouvintes uma crítica construtiva e qualitativa de seus ideais com o intuito de colaborar nas ponderações

supraditas. De acordo com Barros (2006), a música nos mostra o resultado da expressão de sentimento e comportamento humano mesclado por valores e crenças sociais e políticos, que são induzidos pelo quadro social de cada momento em que este aspecto esteja sendo discutido. E para colaborar com o pensamento supracitado, destacamos a música em tela de análise do presente artigo:

Sou uma moça sem recato
Desacato a autoridade e me dou mal
Sou o que resta da cidade
Respirando liberdade por igual (ANGELA RO RO, 1979)

A letra aborda uma temática sobre uma moça fora das normas padrões da sociedade que vai de encontro a emancipação. Logo de início, afirma que não é recatada, ou seja, não se enquadra dentro de um padrão normativo, pois impõe-se diante da autoridade machista. Quando cita “sou o que resta da cidade” traz à tona a memória de muitas mulheres que viveram e vivem em um ambiente patriarcalista, na qual o homem é a única autoridade, o Outro.

Viro, reviro, quebro e tusso
Apronto até ficar bem russo
Viro, reviro, quebro e tusso
Apronto até ficar bem russo

A mulher, devido as padronizações que são colocadas ainda vivenciam sistemas históricos e culturais na sociedade contemporânea, por isso a presença dos verbos virar, revirar, quebrar e tossir, com expressão de uma luta constante com o pensamento vigente.

Meu medo é minha coragem
De viver além da margem e não parar
De dar bandeira a vida inteira
Segurando meu cabresto sem frear

Apesar das múltiplas conquistas, a mulher ainda guarda um medo implícito, entretanto, não quer mais ficar à margem, quer quebrar com as ideias ainda vigentes nos mais diversos ambientes.

Por dentro eu penso em quase tudo
Será que mudo ou não mudo
Por dentro eu penso em quase tudo
Será que mudo ou não mudo

A dúvida de mudar e não mudar rola constantemente, pelo fato de a igualdade de gênero ainda ser uma luta constante. Muitos direitos não são realizados e o silenciamento ainda prevalece em muitos ambientes, seja nos lares, no trabalho, na escola, dentre outros. Muitas vozes emudecem por causa da constante violência e ameaças.

O mundo, bola tão pequena
Que me dá pena mais um filho eu esperar
E o jeito que eu conduzo a vida
Não é tido como forma popular

O enclausuramento da mulher foi uma prática muito presente no patriarcalismo tradicional, cuidadora do lar, e procriadora. Falamos de um patriarcalismo tradicional por prevalecer o patriarcalismo contemporâneo, onde a mulher ainda é visualizada como a zeladora da família e com o papel da “passiva”, ou seja, aquela que foi feita para ter filhos.

Mesmo sabendo que é abuso
Antes de ir, agito e uso
Mesmo sabendo que é abuso
Antes de ir, agito e uso

O excerto demonstra a intenção de emancipação e empoderamento da mulher, pois apesar de perceber os diversos abusos contra a mulher, “agita” e “usa”, isto é, não emudece a voz ou silencia diante de tais situações, vive em uma luta constante em favor, na perspectiva de Woolf (2004), seria um teto todo seu.

A sociedade padroniza uma normativa educacional em que o gênero feminino deve seguir caminhos configurados, com base na submissão. As mulheres eram educadas para se comportarem de maneira recatada e manterem a postura de sexo frágil que convém ser secundária e subordinada ao sexo oposto.

Ensinamos as meninas a sentir vergonha. “Fecha as pernas, olha o decote”. Nós as fazemos sentir vergonha da condição feminina, elas já nascem culpadas. Elas crescem e se transformam em mulheres que não podem externar seus desejos. Elas se calam, não podem dizer o que realmente pensam, fazem do fingimento uma arte. (ADICHIE, 2015, p. 44 - 45).

No pilar contemporâneo notamos os caminhos da peregrinação das conquistas obtidas através dos processos de ascensão da mulher na sociedade. Nos dias de hoje a mulher já possui alguns direitos assegurados pela constituição, no entanto, esses direitos só existem no papel, na realidade os violamos diariamente, quando o marginalizamos e nos deixamos envolver por discursos alienados que nos impregna, quando colaboramos de maneira

automática com o machismo. Estamos habituados a ver a mulher como objeto, cumprindo papéis moldados e padronizados.

A grande marca da sociedade que vivemos é “o estereótipo”, onde homens e mulheres já estão fundamentados em comportamentos, pois atualmente ainda há pessoas que separam coisas destinadas a cada sexo, meninos são educados para serem fortes e meninas para serem dóceis. Corroborando Adichie (2015, p. 46), “meninas e meninos são inegavelmente diferentes em termos biológicos, mas a socialização exagera essas diferenças”.

Atualmente vemos jornais, revistas e redes sociais notificando sobre mulheres que diariamente são agredidas e silenciadas pelo medo, observamos juntamente com as notícias discursos no qual se emprega a culpa a vítima, é comum ouvir pessoas até do mesmo gênero exaltar esse discurso: a vítima teve o que procurou, pois se insinuou, provocou. Nosso dever como cidadãos é quebrar essas barreiras que nos impedem de desenvolvermos socialmente de maneira igualitária, onde todos os gêneros se respeitem mutuamente.

Sobre uma análise cuidadosa das premissas feministas, observamos os reais objetivos desta classe, o feminismo “[...] **não é um machismo ao contrário**, mas é **absolutamente contrário ao machismo**” (VALCARCEL, 1991, p.3), ou seja, busca a igualdade entre os gêneros, a desconstrução de padronizações arcaicas que ainda consistem atualmente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos sobre filosofia pop são, relevantemente, aplicáveis na educação. Procura oportunizar aos indivíduos expostos a tal cenário, um contato acerca de temas atuais ou não na sociedade. Uma vez que a filosofia pop, possibilita o desenvolvimento de trabalho com textos não apenas da filosofia tradicional. Neste prisma, Tiburi (2015), em seu artigo publicado na Revista do SescTv³, corrobora que a filosofia pop “[...] tem relação direta com a filosofia crítica enquanto está atenta aos conteúdos obscuros de sua época, enquanto eles são culturais. A Filosofia Pop é uma filosofia da cultura atenta aos conteúdos desprezados de um tempo”.

Observamos a partir da nossa experiência em sala de aula, que trabalhar temas sociais polêmicos, no ensino básico, ainda é considerado um desafio para diferentes educadores, pois a partir da vivência no ambiente escolar, notamos a resistência de se trabalhar tais temáticas.

³ <https://revistacult.uol.com.br/home/filosofia-pop/>

Sobre a perspectiva da filosofia pop, o desenvolvimento de discussão no âmbito estudantil, se torna mais maleável, pois por meio do notório contato interpessoal entre os discentes participantes do *corpus* da pesquisa, percebemos que a temática proposta levada para prática neste ambiente foi dialogada e discutida com êxito, pelo fato de utilizarmos uma linguagem mais contemporânea e, de certa forma, coloquial.

Diante da temática apresentada aos envolvidos na pesquisa, os dados apontaram que com tais abordagens utilizadas para conduzir os momentos de reflexão e discussão, na qual há mais facilidade em contextualizar para compreender o próprio meio, tornando assim o processo de assimilação mais eficaz. Através desta coleta, notamos que a partir da filosofia pop, os estudantes expunham os conceitos filosóficos em seus contextos, ou seja, deu-se mediado por relatos “vivenciados”, em que nesta oralização, a preocupação não estava na estética gramatical, mas sim voltada à análise e reflexão crítica. Para isto, Tiburi (2015) afirma que trabalhar com a filosofia pop não anula a filosofia clássica no meio escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No prisma da filosofia pop, abordamos temáticas ligadas ao feminismo com o intuito de chamar a atenção dos alunos e da comunidade para um tema polêmico e pouco discutido no âmbito social e, conseqüentemente, colaborar com seu desenvolvimento, instigando os discentes a refletirem sobre a temática e expor suas experiências pessoais. Notamos ao decorrer do trabalho, que ainda há uma herança viva da impregnação histórica do papel marginal da mulher.

Debruçamos sobre a análise da letra de Ângela Ro Ro como meio interacional locutivo, pois a música forte e contagiante é uma arma a favor da revolução feminista, ela prega a liberdade e igualdade entre os gêneros. Utilizamos do diálogo e debates em intertexto com outros pensadores para firmar o ideal sociofilosófico na comunidade acadêmica de nível médio, com o intuito de desconstruir conceitos sexistas e machistas. O intuito desta pesquisa foi contruir linguagens que facilitariam o desenvolvimento do diálogo utilizando a linguagem popular, de certa maneira, para falar de temáticas populares ou polêmicas. Através dos jovens queremos abrir janelas ideológicas libertadoras.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução Christina Baum. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BARROS, Camila Monteiro de. **Cultura, Informação e sociedade**: espaço da música no desenvolvimento e gestão de coleções. 2006. 49 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia – Gestão da Informação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 4. ed. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1970.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. – Maringá: Eduem, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário de língua portuguesa. 8. ed. - Curitiba: Positivo, 2010.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

_____. **Minha história das mulheres**. – 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2012.

RÔ, Angela Rô. **Agito e uso**. 1979. Disponível em: <<https://m.letras.mus.br>>. Acesso em: 17 fev. 2017.

TIBURI, Marcia. **Filosofia pop**. Caderno Cultura de Zero Hora, 2005. Disponível em:<http://www.marciatiburi.com.br/textos/quadro_filosofiapop.htm>. Acesso em 17 fev. 2017.

_____. **Filosofia pop**. Revista CULT, 2015. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/filosofia-pop/>>. Acesso em 22 fev. 2017.

VALCÁRCEL, Amélia. **O que é o feminismo e que desafios apresenta?**. Revista Urbal. Barcelona, abril, 1991.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. – 2ª. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

ZINANI, Cecil Janine Albert. **História da literatura**: lições contemporâneas. Caxias do Sul, RS: Educs, 2010.